

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Primeiro ouvir

depois falar

No comêço de um Novo **Adventista**» cumprimenta zados leitores e transcreve palavras impressas na «**Morning Watch**» adventista para o ano de 1939 :

Ano, a «**Revista** os seus pre-as boas

«Guarda zelosamente um espírito sossegado e calmo. Precipitação é sinónimo de tumulto. Deus nunca está precipitado. Precipitação mais a vida íntima de cada um como permitir que o espírito mundano da precipitação se introduza neste tempo de espera ou no espírito de qualquer pessoa.

«Na oração e na leitura da Bíblia lembra-te que vieste falar ao Mestre. É possível que não procures aumentar os teus conhecimentos sobre a Bíblia, mas vieste na Sua face, conhecer melhor o Mestre, para ouvir a Sua voz, para tornar real a Sua presença, para olhar direito na Sua face.

«A tua principal preocupação, durante algum tempo pelo menos, consiste *em ouvir* — ouvir a voz de Deus.

«Há duas partes na oração: ouvir e falar. Executa em primeiro lugar as coisas que sejam primeiras. Orar demasiado, falar a Deus demasiado, é um dos lados da medalha. Deus tem dificuldade de encontrar homens que queiram escutá-IO. O que Êle tem a dizer-nos é muito diferente daquilo que nós temos a dizer-Lhe. Dá a Deus a oportunidade de ser ouvido. Dize com sinceridade: *Ouvire! o que Deus tem a dizer-me.*

«Deus fala-nos através da Sua Palavra. Há um número infinito de outros livros, auxiliares e inspiradores, escritos por pessoas piedosas. Põe estes livros na segunda prateleira. Coloca o Livro de Deus na sua prateleira exclusiva. Se tiveres tempo bastante para este e para aquêles tanto melhor. Dá, porém, ao Seu Livro o lugar que lhe é devido no tempo de meditação a passar com o Mestre. A Sua Palavra é segura ao investigar o teu coração e a tua vida. É um espelho e certamente te mostrará os teus erros, pecados, orgulho e egoísmo. Deixa! Não te desculpes, não a feches, não te esquives. Sê franco com Êle. Êle te mostrará a Sua alegria em perdoar e o Seu poder em limpar e salvar.

J. S. James».

Seja essa a Revista durante ou até à sua morte.

experiência de cada leitor da 1943 e até à volta de Jesus

Conselho Missionário da União Portuguesa, a 22 de Dezembro de 1942, em Lisboa

NOTAS

Estiveram presentes os irmãos Dias Gomes, P. Ribeiro, M. Leal, M. Viegas, A. Miranda e F. Ribeiro.

Nas reuniões da tarde e da noite esteve presente o Ir.º Ferreira. O Ir.º Hermanson esteve ausente, tendo apresentado desculpa prévia.

Tivemos seis reuniões, desde as 9 horas da manhã às 22 da noite.

1.ª Reunião

Culto

Tomou a palavra o Ir.º Dias Gomes. Fez um resumo das actividades evangelísticas do passado em que os jovens obreiros procuravam manter-se no espírito de agressividade. Esteves na Brava; Grave em S. Tomé; Viegas no esforço para organizar casas de culto nas aldeias; Reis seguindo-lhe o exemplo em Coimbra no que foi imitado por Eliseu Miranda; Ide avançando sobre Avintes e Canelas onde hoje temos congregações, etc., só para não alongar a enumeração dos que ouviram a voz de Jesus dizer-lhes: «Vamos às aldeias vizinhas para que eu ali também pregue porque para isso vim» Mar. 2:38.

Nos tempos em que vivemos, abrir um trabalho, seja onde fôr, é grande privilégio para nós, pois já não gozamos da mesma liberdade de há 20 ou 15 anos.

Em muitas localidades, mesmo que tivéssemos dinheiro e homens, nada poderíamos contra a vontade das autoridades. Temos apenas a felicitar-nos do que foi feito no alargamento da obra.

Em S. João 7:46 temos o grande modelo colocado diante de nós. Não importa ter salas abertas, é necessário fazer esforços atentos para que a Mensagem ensinada venha no poder de persuasão que nos indica este texto. Não podemos obter a ciência de Jesus «que estava com Deus e era Deus» mas a observação e cópia dos predicados humanos creio que é possível. Uma das convicções que davam a Cristo fôrça de persuasão era considerar o ensino das Verdades religiosas e espirituais o mais alto trabalho para o qual viera ao mundo. «Aquêle a quem o Pai santificou e enviou ao mundo...», dizia Êle.

(Alguns apontamentos da Redacção)

Tinha a convicção de ser enviado ao mundo para realizar a obra a que se dedicava. Ao terminar a sua carreira humana dizia em desabafo a Deus: «glorifiquei-Te na Terra tendo consumado a obra que Me deste a fazer.» S. João 17:4.

O que enfraquece a vida humana é a convicção de realizar uma obra para a qual não sentimos vocação, na qual não vislumbramos a mínima beleza ou importância!

Sobre a importância da obra da evangelização dizia um ministro nosso de grande experiência:

«O mais alto trabalho a que seres humanos podem aspirar, o mais nobre emprêgo no Universo, salvar os náufragos da raça, trabalhar na reabilitação do mundo perdido, foi o que Cristo confiou aos Seus discípulos — todos os discípulos e não apenas uma classe especial — como associados do Pai, do Filho e do E. Santo nessa obra sem semelhante, a evangelização.» (Living Evangelim p. 23).

Dentro da Igreja o mais alto trabalho é o do evangelista; todos os outros são apenas seus cooperadores; as vitórias do evangelista são as vitórias da Igreja; os seus insucessos devem entristecer a todos. Nas embaixadas, além do embaixador, há pessoal de tôdas as categorias mas, sem dúvida, o indivíduo mais notável é o que fala em nome da sua Nação. O evangelista é o embaixador da parte de Cristo como se Deus por nós rogasse. 2 Cor. 5:19. Todos os outros funcionários dentro das Igrejas têm trabalhos muito úteis e que serão tanto mais úteis quanto mais ajuda prestarem ao evangelista. Não poderemos desanimar-nos, compreenderemos os ataques satânicos para nos desanimar, se não perderemos de vista a sublimidade do momento em que nos levantamos diante das massas para as conduzir na meditação da Palavra.

Assim como o oficial aguerrido e patriota se sentiria envergonhado de ficar ao canto

como uma velha galinha enquanto os seus camaradas se lançam à defesa da bandeira, assim também o homem ou mulher que se preparou para a evangelização sentirá vergonha se fôr obrigado a ocupar outra posição que não seja a defesa pública do Evangelho.

«Eu não tenho físico, eu não tenho voz, eu não tenho jeito, etc., etc.» são desculpas que às vezes apresentamos para fugir à elevada honra de evangelista.

São desculpas idênticas às dos convidados às bodas.

Não tens voz? Repara que prègar o Evangelho não é gritar, é ensinar e nós vivemos no século dos alto falantes.

Não tens físico? Mas para ensinar qualquer verdade não é preciso ser elegante ou gigante. Basta que sejas o comum dos homens ou das mulheres, tenhas cabeça e voz.

Não tens jeito? Então não tens jeito para demonstrar que dois e dois são quatro?

Não te desculpes! Não fujas ao cumprimento da tua alta vocação. Sai do buraco onde te queres refugiar e lança-te ao ataque. «Esforça-te, tem bom ânimo!» Josué 1:6.

Meus prezados colaboradores, é um privilégio estarmos aqui reunidos para trocar impressões sobre a evangelização. Temos pena de não poder falar hoje com os nossos bravos missionários das Ilhas e Ultramar. Eles escreverão o que pensarem e nós leremos com interesse e lhes comunicaremos a luz que recebermos. Tenhamos confiança em Deus nos resultados positivos de 1943.

Seguiu-se a prece e um intervalo

2.ª Reunião

Apresentação de experiências

(10-11 h.)

O Ir.º Leal tomou a palavra e em resumo disse:

O primeiro problema do evangelista é *despertar a curiosidade no público*.

Não é muito difícil no início de um esforço; é até natural que as primeiras reuniões sejam muito freqüentadas. É assim que podemos explicar o facto de ser o primeiro ano de acção de um evangelista numa localidade o mais abençoado em batismos.

Passado o primeiro período de curiosidade torna-se necessário espicaçá-la outra vez, reavivá-la. Para isso, tem de apresentar algo de novidade: um câro, um filme, etc.. Sendo uma localidade fora, talvez levando irmãos que cantem ou ensinem a cantar hinos.

No Pôrto, Canelas e Avintes alguma coisa

temos conseguido. Os auditórios não diminuíram, antes têm aumentado. Mas sinto necessidade de qualquer coisa que me auxilie a mantê-los. Necessitava de uma máquina de projecções por exemplo e, embora a tenha requisitado há tempos, ainda não apareceu. Arranjei um câro que ia cantar a Canelas mas não pude continuar por falta de verba para transporte.

Precisamos do máximo contacto entre a Direcção e o Evangelista para que lhe seja prestado auxílio eficaz no momento oportuno.

No Pôrto pouco poderemos obter sem sala condigna e decentemente mobilada.

Arranjada ela, coloque-se ali um câro, espalhem-se convites e, no 1.º tempo, a curiosidade está mantida. Na 2.ª série arranjam-se alguns atractivos cristãos. E não esquecer que o grande Pôrto com Vila Nova necessita de obreiros, auxiliares e, sobretudo, de uma boa obreira-bíblica.

O que se faz na cidade pode repetir-se nas aldeias onde é fácil ajuntar auditórios.

Pôrto e seus arredores são centro de tremendas possibilidades porque são terras muito religiosas.

M. Viegas disse em resumo: Tive oportunidade de abrir um bom esforço de evangelização em Alferrarede, através de irmãos que lá moravam. Estes irmãos retiraram e então tive de alugar casa, distribuí profusamente folhetos «Verdades Eternas». Em geral é o meu processo de iniciar trabalhos. Só em Niza, é que comecei por fazer convites especiais. Quando os auditórios começam a decrescer ou há dificuldades em juntá-los de comêço, levo comigo alguns irmãos que cantam hinos ou a máquina de projecções, quando tenho a felicidade de a apanhar. É resultado garantido. As vezes Deus manifesta-se em pequenos incidentes: por exemplo em Alferrarede o salão alugado por mim era também utilizado pelo padre para as suas conferências; o reverendo foi assistir à minha reunião e quis rebater as minhas afirmações o que mais espicaçou a curiosidade popular. Nunca tive reunião com menos de 125 pessoas. Tenho observado que é da máxima utilidade ter casa nossa em vez de fazer reuniões em casa de irmãos ou amigos.

Na minha opinião é abençoado o trabalho nas aldeias e tenciono fomentá-lo sem esquecer de semear nas vilas e cidades. Espero em Deus que teremos oportunidade de abrir trabalho na vila do Crato. Quando marchei para Niza sentia uma voz a dizer-me que deveria antes ir ao Crato.

Dada a palavra ao Ir.^o Freire declarou que nada tinha a dizer. O Ir.^o Ribeiro o mesmo.

O Ir.^o **Miranda** disse que em Cascais tem feito algumas experiências missionárias. As reuniões são freqüentadas quasi só por senhoras. É para si um problema como chamar os homens e maridos. A casa contudo enche-se e não pode pensar em fazer convites, já porque é pequena já porque não oferece as mínimas condições. E, contudo, cinco almas estão prontas a baptizar-se.

Tem pensado que daria resultado fazer-se de vez em quando, uma semana especial de esforço missionário com convites largamente distribuídos por todos os membros, de boa vontade. De tempos a tempos uma boa semana de juventude. Obter sempre o máximo número de nomes e moradas para lhes ser enviada literatura e novos convites.

Nas grandes conferências seria bom reservar lugares para as famílias se sentarem juntas.

Dados momentos de intervalo procedeu-se ao 3.^o tempo.

3.^a Reunião

Observação de Conselhos do Espírito de Profecia

Pelo Ir.^o Dias Gomes foram traduzidas passagens do Espírito de Profecia, especialmente dos Test. Vol. 6 e do Obreiros Evangélicos.

Para orientação dos leitores citaremos alguns parágrafos que maior impressão causaram :

«Devemos planejar sãbiamente para que o povo tenha oportunidade de *ouvir* por êle mesmo a última mensagem de misericórdia ao mundo. O povo tem de ser avisado para se preparar para o grande dia de Deus que está iminente. Não temos tempo a perder. Devemos fazer o máximo para alcançar as pessoas onde quer que estejam.

O mundo está-se aproximando da linha limite na impenitência e transgressão das leis do governo de Deus. **Em cada cidade do nosso mundo deve ser proclamado êste aviso.**

Tudo o que tem de ser feito deve ser feito sem demora.»

«Se os nossos «camp-meetings» (as nossas reuniões públicas para as massas) forem conduzidas como deviam, serão na realidade uma luz no mundo. Devem ser orga-

nizadas nas grandes cidades e vilas onde a Mensagem da Verdade ainda não foi prègada.

A Verdade falada pelo prègador vivo terá maior influência do que a mensagem publicada nos jornais. Ambos os métodos combinados terão ainda maior força. Não é das melhores coisas seguir sempre o mesmo processo de ano para ano. Mudaí a ordem das coisas. Quando lhe derdes tempo e oportunidade, Satanás está preparado para organizar as suas forças com o fim de destruir tôdas as almas que possa.»

«A cada canto da rua vêdes placards e anúncios chamando a atenção para várias coisas que se passam, algumas das quais de carácter mais duvidoso e haviam de ficar os que têm a luz da vida, satisfeitos com fracos esforços para chamar a atenção das massas à verdade?»

«A Verdade apresentada pelo prègador vivo devia ser publicada numa forma tão compacta quanto possível e largamente difundida. Sempre que seja possível, os discursos importantes dados nas reuniões públicas deviam ser publicados nos jornais.

Desta forma as Verdades que foram colocadas diante de um número limitado encontrará acesso a muitas mentes. Onde a Verdade foi mal apresentada o povo terá oportunidade de conhecer prontamente o que o ministro disse.»

«É importante que os membros das nossas igrejas assistam às reuniões. Os inimigos da verdade são muitos; e porque os nossos números são pequenos é que deveríamos apresentar uma frente tão forte quanto possível. Individualmente carecemos dos benefícios da reunião e Deus chama a cada um para ocupar o seu lugar nas fileiras da verdade. Fortalecei pois a reunião com a vossa presença e de vossas famílias.

Ponde esforços especiais para assistir às reuniões do povo de Deus.»

«É o tempo para cada um subir em auxílio do Senhor contra o poderoso... Devemos abrir caminho para os corações. Que o exército do Senhor compareça no campo de batalha para representar o trabalho, a causa de Deus. Não apresentem desculpas. O Senhor carece de ti. Êle não faz o trabalho sem a cooperação dos agentes humanos...»

Fazei todos os esforços para induzir os vossos amigos a ir às reuniões, não em vosso lugar, mas convosco, e ficar do lado do Senhor e obedecer aos Seus mandamentos.»

Terminamos a nossa tarefa da manhã com uma troca geral de impressões acerca destes e outros importantes textos e voltamos a reunir às 15 horas.

4.^a Reunião

Meditação da tarde

A Personalidade do Mestre

Por A. DIAS GOMES

5.^a Reunião (16-17 1/2)

Observações dos conselhos do espírito de profecia e discussão

Parece que o Espírito de Profecia indica a necessidade que o Evangelista tem de não sobrecarregar-se com trabalhos de tal natureza que não possa apresentar-se diante do público bem disposto e cheio de entusiasmo.

«Os ministros deviam estar prontos a agir como professores e condutores quando a ocasião requiere, mas não deveriam ficar exaustos. Deviam sentir-se folgados de mente e numa atitude mental de entusiasmo, porque isto é essencial para melhor resultado da reunião. Deviam estar em condições de falar palavras de entusiasmo e coragem e deixar cair sementes de verdade espiritual nos terrenos de corações honestos para que nasçam e produzam preciosos frutos.» Vol. 6, p. 48.

Todos os obreiros, seja qual fôr o seu trabalho particular diário, podem exercer grande soma de benefícios missionários tomando parte activa na reunião :

«A cooperação de todos os obreiros é essencial. Devem permanecer na própria atmosfera da reunião, familiarizar-se com o povo, consoante êle entra e sai, mostrando a máxima cortesia e bondade e terna atenção com êle.» Pág. 46.

Não devemos ser monótonos nem seguir sempre os mesmos métodos ano após ano :

«Não é o melhor plano seguir uma linha de esforços ano após ano. Mudemos a ordem das coisas.» Pág. 36.

Quais serão os assuntos mais essenciais e que os obreiros devem focar nas suas dissertações ?

«Cristo crucificado, Cristo ressuscitado, Cristo assunto ao céu, Cristo voltando novamente, deveria amaciar tanto, alegrar tanto e encher tanto a mente do ministro que fôsse capaz de apresentar estas verdades ao povo em amor e profunda sinceridade...

«Levantai Jesus, vós que ensináis o povo, levantai-o no sermão, no cântico e na prece. Que todos os vossos poderes sejam dirigidos no sentido de apontar às almas confusas, extraviadas e perdidas «o Cordeiro de Deus». Levantai-O, o Salvador ressuscitado e dizei aos que ouvem :

«Vinde Àquele que vos amou e se deu por vós, etc., etc.» (G. W., p. 159-160).

«Não façais proeminentes aquelas facetas da mensagem que sejam uma condenação para os costumes e práticas do povo, até que êle tenha oportunidade de conhecer que somos crentes em Cristo, que acreditamos na Sua divindade e na Sua pre-existência. Deixai que o Testemunho do Redentor seja bem firmado.» Vol. 6, p. 58.

«Cristo crucificado — falai n'Êle, orai-Lhe, cantai-O e Êle quebrará e ganhará os corações. É êste o poder e sabedoria de Deus para ganhar almas a Jesus.» Vol. 6, p. 67.

Feitas considerações a estas claras afirmações e trocados pensamentos vários sobre os tópicos principais da Mensagem concordaram em que, para outros assuntos que poderiam oferecer dúvidas, levantar preconceitos e servir de ataque, se organizassem classes bíblicas especiais. Foram focadas duas notas interessantes :

1.^a — Que a nossa União está prestes a chegar aos 1.000 membros e que com um pouco de actividade em breve passaríamos o alvo.

2.^a — Que poderemos empregar, para resumo das dissertações do Evangelista, um folheto das «Verdades Eternas» Torna-se apenas necessário rever a colecção, melhorá-la e aumentá-la. Pelo Ir.^o Ribeiro foi dito que para êste esforço, na primeira parte de 1943, teremos material mas se torna necessário pensar e trabalhar para o futuro.

6.^a Reunião

Às 20 h. reunimo-nos para condensar as idéias a que tínhamos chegado nos nossos

estudos e foram lidas e aprovadas as seguintes sugestões gerais :

1.º — Que conforme termináramos na reunião da manhã, de harmonia com o que diz o Vol. 6 dos Testemunhos : «Em cada canto da rua vêdes placards e anúncios chamando a atenção para várias coisas algumas delas do mais duvidoso carácter ; e deverão os que têm a luz da vida ficar satisfeitos com fracos esforços para chamar a atenção das massas à verdade ?» pág. 37, a nossa maior preocupação deve ser :

**PROPAGANDA !
PROPAGANDA !
PROPAGANDA !**

2.º — Que o trabalho nas aldeias, entre a população rural, é utilíssimo e quando as forças de evangelização vejam dificuldades em abrir brecha nas cidades e vilas, será ótimo que se lembrem de avançar também para as aldeias.

Mas precisamos não descuidar nem esquecer que nos grandes centros populacionais gozamos de liberdade e precisamos aí exercer uma actividade de propaganda contínua e enérgica.

3.º — Que a necessidade máxima de qualquer obreiro, na aldeia e na cidade, é arranjar auditório considerável. Não podemos esperar grandes colheitas se não tivermos grandes searas. Dará resultados contraproducentes reunir grandes auditórios quando não se tenham feito as devidas preparações, especialmente da parte daquele obreiro que falará, o qual deve ter tomado bastante tempo para meditar nos argumentos e no modo de os empregar.

4.º — Não poderemos colocar numa localidade mais do que um evangelista, embora este possa ter algum ou alguns associados. Daí a necessidade de dosear muito bem o seu trabalho de «evangelista das massas». Neste caso julgamos que não terá muito mais tempo do que o necessário para preparar um muito bom assunto, de 15 em 15 dias. As outras reuniões podem servir para amparar o auditório prêso nas grandes conferências.

5.º — Nos grandes centros populacionais devemos insistir sempre com anúncios ou folhetos pois elles dão sinal de vida activa da parte do movimento.

Esses convites devem ser cuidadosamente estudados e feitos da maneira mais decente que seja possível.

6.º — Baseados nos conselhos lidos no Vol. 6 dos «Testemunhos» em que se encarece o cuidado na preparação das reuniões, precisamos da máxima cautela e de consi-

derar bem preparada aquela reunião em que :

a) O assunto foi muito bem escolhido e adaptado às circunstâncias de momento.

b) Os anúncios foram muito bem feitos e a sua distribuição sistematicamente feita.

Bem como considerar reunião mal organizada, que o Espírito Santo não pode abençoar, aquela em que :

1) O obreiro não tomou largo tempo para pensar e organizar o seu assunto.

2) O assunto foi consequentemente mal escolhido, mal organizados os argumentos e daí o emprêgo de expressões pouco judiciosas, erro este em que naturalmente todos nós temos caído.

3) Não foi suficientemente anunciada.

7.º — Conforme lemos esta manhã no Vol. 6 dos «Testemunhos» é importante que o conferencista possa colocar nas mãos dos auditórios qualquer resumo escrito da sua conferência. Desta forma o auditório levará uma recordação que pode orientá-lo em futuras investigações.

Dado o dispêndio que esse resumo daria à Tesouraria da União, se cada evangelista o quisesse fazer, achamos mais conveniente que haja particular atenção para a colecção «Verdades Eternas» prestes a esgotar-se e que se procure melhorá-la e aumentá-la nos tópicos da Mensagem.

8.º — Vivemos em tempos particulares em que necessitamos focar as «Verdades Eternas». São tempos perigosos para grandes extremos doutrinários. Cremos que devemos orientar nos pelas belas palavras do G W :

«Cristo crucificado, Cristo ressuscitado, Cristo assunto ao céu, Cristo voltando novamente, deveria amaciar tanto, alegrar tanto e encher tanto a mente do ministro que apresentasse estas verdades ao povo em amor e profunda convicção... Que a ciência da Salvação seja o pêso de cada sermão, o tema de cada cântico etc...» pág. 159.

Em resumo : acautelarmo-nos do extremismo, de interpretações particulares de profecias e propagar as verdades fundamentais da Mensagem que pensamos serem :

Existência de Deus

A S. S. Trindade

Jesus, Sua Divindade

Veracidade e Inspiração das Escrituras, assunto este em que tem oportunidade o estudo das profecias.

Primeira vinda de Jesus e a obra da Redenção com as profecias respectivas.

Necessidade de amar e obedecer à Lei Moral e, entre os mandamentos, a guarda do Sábado.

(Conclue na página 15)

O Movimento Adventista em Portugal

I — Introdução e Organização

Em Setembro de 1904, vindo de Iowa, Estados Unidos, chegava a Lisboa um casal humilde, cujo chefe, na alfândega, declinou



O Pastor C. E. Rentfro, primeiro missionário adventista em Portugal

um nome completamente ignorado — C. E. Rentfro. Era o primeiro missionário adventista em Portugal.

Sem portas abertas onde pudesse prègar o Evangelho, foi residir para Carcavelos, donde, ao mesmo tempo que procurava treinar-se no português, ia tentando a difícil empresa de ganhar almas.

Em Junho de 1906, juntava-se-lhe outro obreiro — Ernesto Schwantes — que, com sua espôsa e filha, alugou casa na Rua dos Douradores, 220, 3.º, D.

Justamente dois anos após a chegada do Ir. Rentfro celebrar-se-ia a histórica cerimónia dos primeiros baptismos, em plena praia, no dia 21 de Setembro de 1906, às oito horas de uma noite escura, com mar agitado, sendo ministrante E. Schwantes. Eram quatro os candidatos, que desceram às águas pela ordem seguinte: Maria Morgado de Figueiredo¹, Lucy Portugal², António Vítor de Figueiredo e Alberto Carlos de Figueiredo.

No dia seguinte, 22 de Setembro, realizava-se a inauguração da nossa primeira sala de culto no edifício azulejado que ainda hoje se pode ver na Rua de S. Bernardo, à Estréla, 120, 1.º. Teve então lugar a cerimónia da Santa Ceia presidida pelo Ir. Schwantes.

Nessa mesma sala, durante alguns anos, continuaram regularmente as reuniões, que se efectuavam às quartas e sábados.³

Para avaliar a impressão que ao público daria o Movimento, é curiosa a leitura de alguns períodos do *Século Ilustrado*, de 15 de Abril de 1907, no artigo intitulado — «Nova Religião em Portugal — A Igreja Adventista»:

«... A religião adventista, que há três anos apareceu em Lisboa, é um dêsses rebentos da árvore evangélica, novo de pouco mais de meio século... O apóstolo incumbido de nos trazer a boa palavra foi o Sr. Rentfro, que desde Setembro de 1904 se acha entre nós a prègá-la, tendo conseguido já obter uma dúzia incompleta de adeptos...»

Depois de apresentar à sua maneira, não sem uma ponta de ironia, a doutrina adventista, conclue:

«Tal é a doutrina que se prèga, às quartas feiras e sábados, na modesta sala de uma



A primeira sala adventista em Lisboa, na Rua de S. Bernardo, à Estréla, 120, 1.º

casa vulgar da rua de S. Bernardo, onde está o templo adventista. Esse templo não possui imagens, e a sua decoração é simples,

¹ Os Irs. Figueiredos tinham sido encontrados pelo Pastor Rentfro no trabalho da distribuição de folhetos. A Ir. Maria Morgado veio a falecer, dentro da Mensagem, em 12 de Abril de 1932.

² Esta irmã, viuva do actor Portugal, de nacionalidade inglesa, fôra encontrada pelo mesmo Pastor Rentfro na Igreja Anglicana de S. Jorge, à Estréla. Durante muitos anos exerceu com fidelidade as funções de Secretária e Tesoureira na igreja de Lisboa, vindo a falecer plácida em 28 de Novembro de 1927. Jaz sepultada no cemitério inglês.

³ Oportunamente, ao tratar da igreja de Lisboa, apresentar-se-ão os vários locais por onde transitámos, desde a Rua de S. Bernardo até à Rua Joaquim Bonifácio.

(Conclue na pág. 12)

Impressões de uma viagem às missões

Já, no último número, tive a oportunidade de falar, mais uma vez, sobre a Madeira e os Açores. Creio que o prezado leitor verificou as necessidades destes dois campos e as possibilidades da obra de evangelização. Os Açores constituem para nós uma missão mais pobre e menos apetrechada que a da Madeira mas é um campo de boas esperanças e que merece a nossa melhor simpatia. Quanto a dificuldades de vida há as mesmas que em qualquer parte do continente, desde que não sejam as serranias da Beira e Trás-os-Montes, com os seus climas inóspitos e o seu tifo exantemático. Em resumo, sejam quais forem as dificuldades, poderemos encontrar muito pior no continente. Salvo se as pessoas sofrem de doenças pulmonares pouco recomendáveis para climas tão úmidos.

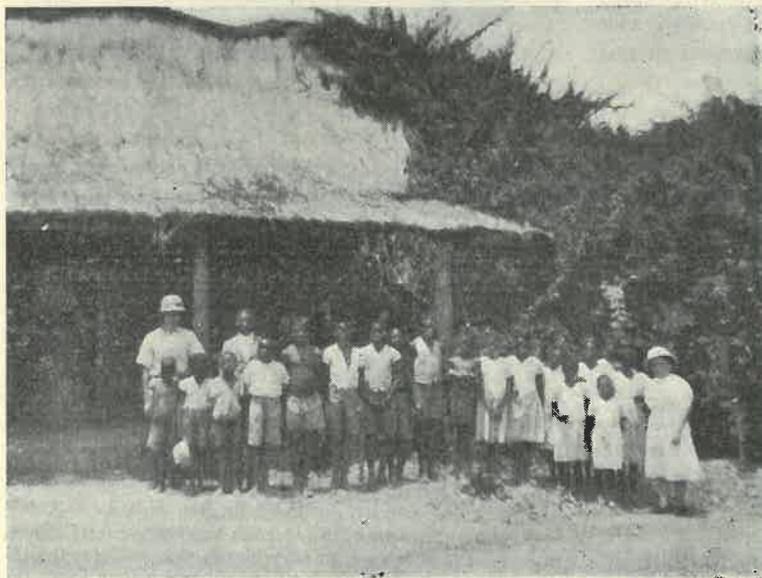
Da Madeira encaminhei-me para África. Passados uns 10 dias tinha o prazer de contemplar, entre as brumas, a nossa ilha de S. Tomé. Desembarquei e fiz uma visita ao nosso missionário Grave e sua esposa a Ir.^a Capitolina que encontrei de razoável saúde. Recebi a agradável notícia de que o Senhor Governador dera autorização para a minha visita. Como, porém, levava bilhete para

Luanda, continuei viagem, depois de trocar algumas impressões sobre o trabalho. Fiquei bem impressionado com a limpeza da cidade de S. Tomé e com a vegetação da ilha. Na população notei a desproporção entre brancos e nativos. A maioria da população é formada por trabalhadores das grandes propriedades agrícolas produtoras do café e cacau; entre esses trabalhadores abundam os nativos de Angola.

Dois dias depois da partida de S. Tomé, o nosso barco entrava no grande rio Zaire e lançava ferro diante de Santo António, terrinha da qual apenas se avistam algumas poucas casas brancas. Assisti ao desembarque de algumas dezenas de belgas, entre os quais titulares e oficiais do exército, que deixaram muita simpatia a bordo e manifestavam o seu agradecimento dando vivas a Portugal. Lá foram numa pequena lancha rio acima, remando contra a corrente, a caminho de Matádi.

Um dia depois entrava o barco na grande baía de Luanda. Estávamos em terra civilizada como se podia ver de bordo. Um avião veio cumprimentar o barco. Afluíam as visitas e davam-se as cenas do costume. Uma pobre mamã, vestida de luto, lançava-se nos braços de alguns jovens também de luto que beijavam uma coroa fúnebre, última relíquia do marido e pai que ela acompanhara a Portugal para aqui morrer. A vida... sempre cheia de lutas e dissabores.

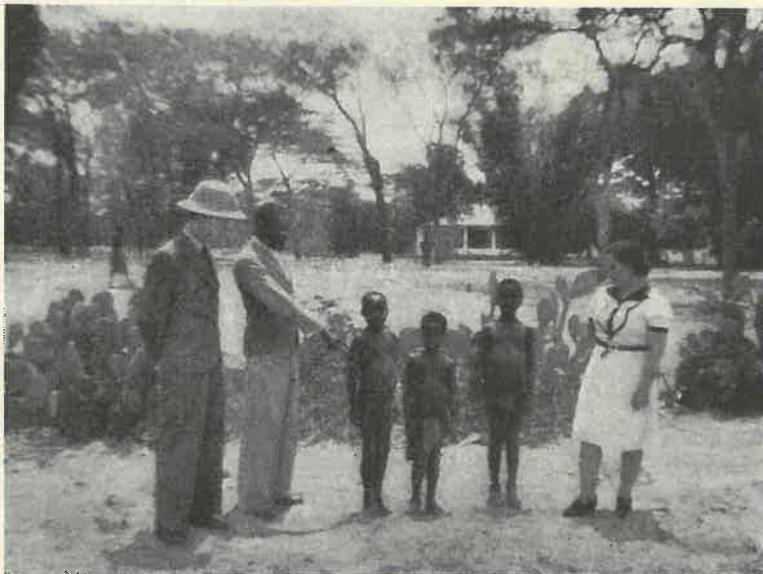
Em Luanda encontra-se tudo quanto poderemos precisar, como em qualquer cidade boa da nossa província, desde que não olhemos ao preço. Bons médicos portugueses, hospital, casas de saúde, lojas para tudo, meios de comunicação para tôdas as partes do mundo, escolas e um dos melhores liceus portugueses. Centro rico onde abundam os altos funcionários. Uma pobre sé catedral. Uma rica missão evangélica, no coração da cidade, estabelecida em



Missionários Rodrigues, junto da escola do Lucusse, com a bela messe de alunos angolanos. Repare-se na maneira limpa como se apresentam

bons tempos, freqüentada quási exclusivamente por nativos. O português branco não vai para Angola converter-se; vai ganhar dinheiro. Pareceu-me difícil o trabalho de evangelização num ambiente desta natureza mas precisamos também não esquecer que o português abandona a sua concha de fanatismo quando sai da sua terra natal; abre os olhos se os tem fechados.

Parti em visita à Missão do Cuale, a caminho de Malange. Um simpático caminho de ferro com carruagens muito boas para a África. Não tenho palavras que possam descrever a minha tensão nervosa à medida que o combóio penetrava no sertão africano! Estamparam-se no meu espírito de forma indelével os cambiantes da região costeira, sub-planáltica e planáltica. Nunca esquecerei o aspecto desolado dos arredores de Luanda, de terra vermelha, onde os gigantes imbondeiros de ramos nus erguidos ao céu pareciam implorar misericórdia. Quando o combóio penetrou nalguns tratos de floresta virgem senti uma certa emoção e fiquei algo decepcionado ao ver que as feras não tinham curiosidade de ver um combóio. Na estação da Canhoca, ao meio dia, saboreei um almoço banal, à portuguesa, pobre, mas que me soube melhor do que se fôsse comido no Tavares-rico. Duas palavras de conversa ao hospedeiro: estava ali havia anos e já tinha sido mordido pela mosca tsé-tsé, numa perna que por infelicidade estava infectada, o que levou o pobre do homem a gastar tudo quanto ameahara. A mosca tsé-tsé! Um passageiro mostrava-me as margens do rio Luíña, tão viçosas, tão arborizadas e dizia-me: «Tôda a população desapareceu daqui: morreu e quem não morreu fugiu; tudo por causa da tsé-tsé». Depois da Canhoca o vale do Zondo: inolvidável. O combóio ia vagarosamente porque tinha de subir a serra. Junto do rio bananeiras carregadas, lorangeiras cheias de fruto, cafezeiros e tôda a espécie de vegetação. Finalmente chegámos à região planáltica e o combóio ganhava velocidade a caminho de Dalatando ou Vila Salazar. Ao longe, lá para o sul, erguiam-se os contrafortes das serranias. Acolá uma grande propriedade agrícola de sisal; quilómetros de superfície bem arroteada, com as plantações



O nosso amável catequista da Missão da Luz aponta para três pretinhos que desejam entrar para a Missão

em linhas geométricas. Era uma propriedade alemã. Uma senhora alemã com um rapazinho acenava com o lenço. A tantos quilómetros da sua pátria! E para ganhar angolares! A noite caiu e só podia ver através das janelas as grandes queimas de mato no horizonte, quilómetros e possivelmente léguas de mato a arder, emoldurando de vermelho aquêlo quadro de negrura.

Malange linda cidadezinha a perto de 500 quilómetros do litoral, ruas largas, construções de palacetes por todos os lados, um hospital em construção que deverá ser um amor, bastantes brancos e muitos pretos que vêm trabalhar durante o dia e regressam à noite para as suas aldeias em volta, arredores cheios de verdura, falta de água que se pretende remediar, uma esplêndida missão católica e uma muito bela igreja evangélica numa das suas melhores avenidas!

Não pude seguir para o Cuale porque soube estar fechada a Missão por falta de missionário branco e porque me pediam uma exorbitância para lá me levarem em curta visita. Naquêlo momento nem comigo tinha a importância.

Passsei 48 horas a inspeccionar Malange e os seus arredores. Os meus olhos quiseram atravessar a negrura da noite na direcção do Cuale. Pus-me a pensar como se fôra um missionário que acabasse de chegar e estivesse de abalada para a missão. Compreendi a saudade imensa que eles devem sentir pela sua terra civilizada, pelos seus amigos, pelo confôrto que deixaram.



Mestre Isaias da Missão de Lucuse, em pleno mato a uns 40 quilómetros numa escola rural

Senti o receio que deve ter uma pobre mulher branca quando, pela vez, tenha de calcurriar estradas de automóvel no meio da floresta ou das anharas africanas. Certamente que é preciso muita fibra muscular e nervosa para fazer o trabalho de missionário. Depois as lutas contra a superstição, contra as intrigas dos sobas e sobetas, contra a má vontade da autoridade branca quando seja sectária. E quando adoça o missionário ou alguém da sua família e seja preciso mandar a pé algum prêto até à cidade buscar remédios ou médico? O prêto terá de caminhar dias inteiros e é muito provável que nada apareça antes de quatro ou cinco dias! A filha da nossa Irmã Barqueiro teve a felicidade de morrer repentinamente. O filho do nosso Irmão Oliveira levou mais tempo a morrer na missão do Cuale!

De regresso a Luanda encaminhei-me para o sul. Desembarquei em Lobito. Bela cidadezinha com todo o conforto provinciano, adormecida numa língua de areia embalada pelas ondas. Um belo sinal de civilização: o combóio a silvar. Carruagem de bom aspecto. Para o interior só combóio duas vezes na semana. E lá vamos a caminho de Nova-Lisboa. A tarde daquele dia passei a contemplar o esforço da locomotiva a galgar a cremalheira que conduzia à região sub-planáltica. Desceu a noite; tudo prêto. A única coisa a fazer era dormir. O meu amável companheiro, um ancião de cabelos brancos, colonial há mais de cinquenta anos, intimou amigavelmente o condutor: «O meu

amigo. Feche para lá a porta e diga aos passageiros imoportunos que queremos dormir». E assim foi. Acordamos a cumprimentar-nos na vila de Kaala. Passara o vale do Lépi. «Boa região esta», dizia-me o velho colonial, «mas a-pesar-de boa foi onde êste ano morreu a maior percentagem de brancos com as biliosas. Fazem-se valentes, não tomam regularmente o quinino e depois não há remédio.»

Nova Lisboa! Os edificios da União Angolana! O nosso irmão Stevenson e sua espôsa receberam-me com tôda a cordialidade cristã. Não pude deixar de aceitar a sua amável hospitalidade. Aproveitei os belos dias ali conversando com êles sôbre os seus

e os nossos problemas. Ouvi palavras de encorajamento sôbre os nossos missionários portugueses. Não tínhamos que nos desanimar nem estavam êles desanimados. As mesmas experiências sucediam com missionários de todos os países. Necessitavam de missionários portugueses. Olhavam com curiosidade para a fotografia dos alunos finalistas em 1942. Ficaram encantados com a notícia que lhes deve de estar a caminho um casal, pois antes de partir o comité da União assim votara. Assisti tôdas as manhãs, à cena dos tratamentos dados aos doentes que vinham ao dispensário humilde da nossa sede. Lá estavam dois ou três pretos, de dentadura que era mesmo um mimo de robustez; mas «os dentes doíam e prêto não quiere dor.» Era preciso arrancar aquêlê dente que faria inveja a muitos europeus. Missionário Stevenson arrancava-o com uma mestria de profissional, no meio de um ai quasi imperceptível e duas contorsões do prêto.

Depois foi a visita à Missão do Bongo. Nem pretendo neste artigo dizer as admiráveis impressões com que fiquei dessa visita. Noutro artigo falarei dela a propósito. Mais ao longe, em plena selva, está a pequena missão de Iava. Passei momentos inolvidáveis. Todo o pessoal branco conhecia Lisboa e são conhecidos por muitos dos nossos irmãos: Dr. Parson, sua Espôsa Miss Jhonson, Miss Visser, Pastor Fields, sua Espôsa. Falaram de muitos dos nossos irmãos, enviaram muitos cumprimentos a todos os seus

conhecidos. Ali encontrei pela primeira vez uma família que já conhecia de nome: a família Chaves formada pelo Ir.º Chaves, sua Espôsa, seu filho João, um bravo rapaz de 14 anos que fala muito bem o inglês, sua mana e ainda um bebézinho. Todos trabalham no meio de uma população nativa, de perto de duas centenas de pessoas, só dentro da missão. Como o Irmão Stevenson me dizia, era uma missão por assim dizer civilizada, com hospital lá dentro e luz eléctrica. Precisa de visitar a missão do Lucusse onde o missionário Rodrigues trabalhava...

Fui ao Lucusse. De Nova Lisboa a Vila Luso foi uma viagem cheia de novidade para mim, umas 24 horas de combóio. Passei por centros populacionais. No Xinguar compreí uma dúzia de tangerinas muito doces por 1 escudo. Também não quero aqui descrever pormenorizadamente a minha visita à missão do Lucusse. Dará motivo a um artigo especial para esta revista. Quando o meu automóvel tinha transposto a rampa que conduz à Missão, ao «Palácio do Mato», observei através do pára-brises a curiosidade que se espantava no rosto do nosso Rodrigues e dos seus familiares nativos. «Um automóvel! ? Quem será? » «Quando saí do automóvel e viram quem era apoderou-se deles tamanha comoção que ainda ao escrever estas linhas e ao lembrar-me disso os olhos me ficam razos de lágrimas! Para mim encontrá-los em plena selva africana, africana, a perto de 200 quilómetros do caminho de ferro, foi como se visse ali os meus amigos e a minha família; êles disseram-me que tiveram a impressão de ver sair do automóvel o próprio Portugal. Coitados!

Há tantos anos lá longe, quási sem comunicações regulares. A solidão da selva fatalmente tem de avivar as recordações e aumentar a saúde. Uma carta com notícias e algumas palavras de aprêço, dirigida a um missionário, no centro da África, custa apenas uns magros tostões e pode ser o melhor remédio a enviar-lhe para criar coragem naquela luta surda contra os seus próprios nervos. Com que comoção, os que têm a dita de possuir um rádio, se aproximam dêle a ouvir as noti-

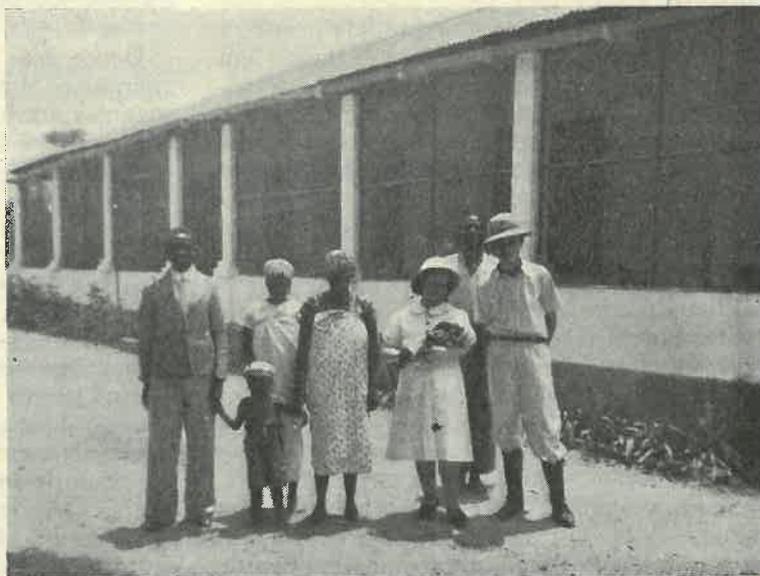
cias de Portugal, a ouvir as mensagens da hora da saúde...

E na minha viagem de regresso parei em S. Tomé. Tive a oportunidade de conversar com o nosso Irmão Grave e sua Espôsa; planeámos futuros trabalhos; visitámos alguns amigos; tive contacto com o público que encheu a nossa sala de reuniões; apertei a mão e procurei dirigir algumas palavras de ânimo aos nossos catequistas. Noutro artigo focarei mais detalhadamente as minhas boas impressões. O Ir.º Grave tem de dar graças a Deus pela maneira como o seu trabalho tem produzido bons frutos. A Congregação duplicou o número dos seus membros depois da sua chegada. Com as suas forças de catequização ao trabalho bons resultados se verão. A população branca de S. Tomé é muito simpática e entre ela goza o nosso Irmão muitas simpatias; bom sinal para futuro. S. Tomé tem os inconvenientes de ser uma ilha e goza do altíssimo privilégio de comunicações muito regulares e constantes com a metrópole; há paquetes portugueses cada quinze dias. Há também as febres e precisamos da protecção de Deus.

Até hoje o campo missionário mais infeliz que eu visitei foi Cabo Verde. Não me poderei esquecer da posição crítica em que tôda a gente ali vive.

Simpatizai e orai pelos vossos Missionários!

A. D. Gomes



Família Rodrigues e seus valorosos colaboradores angolanos no pátio da Missão de Lucusse

O Movimento Adventista em Portugal

(Continuação da pag. 7)

consistindo principalmente em panos pintados, onde estão inscritos versículos do Velho e Novo Testamento, e números para a comparação de diversos textos bíblicos entre si, ou desenhadas figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender.»

Como acabamos de constatar, foram decididamente modestos os começos do Movimento Adventista em Portugal.

*

Apesar de modesto o Movimento, nem por isso era poupado à sanha anti-religiosa e malcriada de muitos alfacinhas que, nesses tempos agitados, chegavam a entrar pela sala de culto e a interromper desordenadamente as reuniões.

Sob este ponto de vista, distinguiram-se os tempos mais próximos da proclamação da República, em 1910. No livro das actas da Escola Sabatina de Igreja de Lisboa, podemos ainda ler esta nota, de bom sabor da época, referente ao Sábado 8 de Outubro de 1910: «Por não se poderem reunir os membros, devido à revolução de 5 de Outubro, que implantou a República em Portugal, não houve culto.»

*

O Ir. Rentfro continuou à testa da Missão Portuguesa até 1911, data em que foi substituído pelo Ir. Paulo Mayer, actualmente em França, que dirigiu o Movimento até 8 de Abril de 1924.

Foi durante o seu tempo que pela primeira vez se realizou a Campanha do Outono em Portugal. Interessante, a propósito, a transcrição de uma acta de 8 de Outubro de 1921: «Iniciou-se este ano entre nós a campanha do outono, cujos resultados foram muito animadores, tendo se salientado alguns irmãos pelos esforços que empregaram para angariar donativos, que atingiram a importância de 2.585⁷⁴74 centavos.»

Quando este Irmão deixou o nosso país contava a Missão Portuguesa para cima de cem membros. A sua séde deixava de ser uma humilde casa alugada para passar para o belo edifício que hoje se admira na Rua Joaquim Bonifácio, 17.

*

Seguiu-se como director da Missão Portuguesa o Ir. J. C. Guenin, hoje presidente da Conferência do Sul da França, que entre nós se demorou apenas um ano aproximadamente, — até 1 de Junho de 1925.

Nesta data foi substituído pelo Ir. H. W.

Lowe, actualmente director da União Britânica, que esteve à frente do Movimento em Portugal até meados de 1928.

Desde essa data, até 1930, a Missão Portuguesa passa por um período de transição, sem director permanente entre nós.

Eis o interessante juízo que de nós faz, então, em 20 de Fevereiro de 1930, o *Diário de Lisboa*, pela pena do seu ilustre redactor, Aprígio Mafra:

«Na Rua Joaquim Bonifácio, para os lados da Estefânia, há uma igreja que, vista por fora, lembra um teatro ou um museu. Muito limpa, muito gentil, muito airosa, é lá que têm a sua sede os Adventistas de Lisboa e os seus irmãos em crenças espalhados pelo país, num total de 228.

«São poucos ainda; mas com tanta fé evangelizam, com tanta persistência trabalham na propagação da sua doutrina que, dentro em pouco, a avaliar pelos progressos realizados já, bem pode acontecer que milhares de adeptos se lhes associem.

«Na capital há, por enquanto, 128 adventistas com cinco ministros que equivalem aos sacerdotes católicos na prática do culto...

«O Sr. Alberto Fernandes Raposo, o Sr. António Dias Gomes, o Sr. Manuel Lourinho, o Sr. Fernando Simões e o Sr. Júlio Minau (*sic*), espanhol, são os padres deste culto interessante que tem por fim anunciar ao mundo a volta de Cristo nesta geração, e, por causa d'ele e das suas consequências, a necessidade de uma verdadeira preparação espiritual e física, realizada pelo abandono completo de todos os vícios e pela prática da religião segundo os Evangelhos.»

*

Desde este mesmo ano de 1930 vemos dirigindo o Movimento o Pastor H. F. Neumann, vindo dos Estados Unidos. Depois de pouco mais de sete anos entre nós, ultimamente como pastor das igrejas do Porto e Coimbra, regressou à sua pátria no segundo semestre de 1937, com sua espôsa, que se encontrava doente, e seu filho Oscar. Líamos no *Mensageiro Adventista* de então: «Retiram com pena e deixam atrás de si a simpática tristeza dos que com elles conviveram.» Na mesma Revista, despedia-se o nosso Irmão com as seguintes palavras: «Posso dizer com sinceridade que vos deixo com tristeza. Só o estado de saúde da Irmã Neumann e meu me obrigaram a tomar esta decisão. Após uma visita aos nossos parentes e conhecidos, após uma ausência de este anos, gostaria de continuar a trabalhar pelo povo português a quem aprendi a amar e compreender.»

Ernesto Ferreira

Notícias do Campo

S. Tomé

Transcrevemos alguns parágrafos da carta do Ir.^o J. S. Grave, de 23 de Outubro de 1942:

«Tal como lhe havia dito não desistimos da festa da Juventude e das reuniões especiais como apreciará pelo programa que junto a esta carta. No sábado passado fizemos o ensaio geral do lindo programa que no dia seguinte à noite foi apresentado na íntegra. Realmente foi uma grande festa, a melhor até hoje neste género em S. Tomé, segundo testemunhos de dezenas de brancos e nas famílias que assistiram de princípio ao fim, muito satisfeitos; ainda hoje não se fala noutra coisa, a pontos de me dizerem para repetirmos este mesmo programa no Teatro, para que muito mais pessoas apreciem o nosso esforço, boa vontade e paciência, domesticando, desbravando e ensinando estas inocentes crianças e até adultos, como nos disse um europeu que muito apreciou o que viu e ouviu, a ponto de manifestar grande desejo de vestir, por sua conta, algumas dessas crianças.

Famílias inteiras de europeus vieram muito antes da hora marcada, para terem lugar na sala e prepararam-se como se fôsem assistir a um grande espectáculo.

Muitos funcionários e até Directores de Serviços do Estado, deram-nos o prazer de se sentarem nos nossos humildes bancos. Quando observei tal afluência fiquei algo embaraçado, por me vir à ideia que podíamos deixar uma impressão desagradável, quando os programas impressionaram tão bem o público; mas não foi assim graças a Deus; correu tudo muito melhor do que era de esperar e, ao terminar, todas as pessoas nos felicitaram com grande satisfação. O pai de duas meninas brancas que tomaram parte num triálogo com minha mulher, até chorou de comoção por ver as suas filhas desempenharem tão bem as suas partes. Calcule que ainda há dias vários europeus me pediram programas para guardar como recordação.

Além de nós e das duas meninas mencionadas, todos os que fizeram parte do programa são nativos, mas andaram tão bem como quaisquer crianças ou jovens da Metrópole; as crianças mais pequeninas, de 3 e 5 anos, foram as que mais encantaram o público. Por estes dias vou ver se consigo tirar uma fotografia ao grupo de jovens que fez a festa e mando-lha.

Na manhã dêsse dia tivemos o prazer de baptizar 5 novos membros e fazer o casamento do monitor da Escola com sua mulher; tudo correu optimamente, sempre com muita assistência. Um repórter-agente de vários jornais da Metrópole, Angola e Moçambique, assistiu a todos os serviços de princípio ao fim para efeitos de reportagem.

Amanhã, querendo Deus, teremos o último serviço anunciado no programa, a Santa Ceia, e, de madrugada, farei o baptismo de um homem e de uma mulher que faltaram no domingo, o primeiro por doença e a segunda por falta de roupa. Ao todo já são 23 baptismos este ano, graças ao Senhor, elevando o total de membros da igreja a 56, ou seja quasi o dobro dos que encontrei. Se o Senhor permitir, ainda farei mais baptismos no fim do ano. Temos motivos para estar animados e muito contentes, não é verdade? E as perspectivas futuras são bastante animadoras.

Envio-lhe duas dezenas de programas, pois sei que aprecia bastante o que faz de bom a juventude; talvez os queira mandar aos núcleos de jovens conforme dizia há tempos numa circular.»

O relatório do 3.^o trimestre de 1942 é verdadeiramente animador. Apresenta 75 membros e uma assistência média de 63! É num meio muito menos rico do que o das mais pobres das nossas sociedades do Continente; indica 22\$50 para o alvo da Juventude. Conta o belo número de 444 estudos bíblicos e 321 visitas missionárias. Campo missionário promissor o de S. Tomé.

Escola Missionária

Abriu nos princípios de Dezembro a nossa escola. Não pudemos ainda desta vez localizá-la definitivamente. Vivemos em tempo de expectativa! Mas, graças à ajuda financeira da Divisão, foi possível estabelecer um internato confortável, higiénico e apropriado ao estudo sossegado. Infelizmente ainda só dois alunos seniores e uma aluna puderam iniciar os seus trabalhos escolares; outros vão iniciar no começo do ano de 1943. Houve uma dificuldade que surgiu à última hora, sobre a localização da Escola. Havia logo de começo uns 20 alunos em perspectiva; o comité da União com muita dificuldade podia prover umas 12 bolsas de estudo. A vida está insuportável e não podemos viver em regime de internato de forma mais barata do que em qualquer pensão. Os alunos que não forem atendidos este ano, longe de se desanimarem, devem continuar firmes na sua decisão e no seu trabalho, pois certamente chegará a sua vez.

Os júniores têm entrado na nossa Escola. Nas classes liceais estão já inscritos 10 alunos.

Não nos cansamos de repetir à nossa Juventude que a melhor maneira de obter preparação para o serviço do Mestre e obter uma entrada na Escola, consiste em estudar com os recursos que tenham nas suas terras. Depois é orar ao Mestre. Finalmente é pedir entrada na Escola e preparar-se a seguir os conselhos que lhe forem dados.

Revista Saúde e Lar

Continua e não parece que tenhamos razão para desânimos. O êxito da sua colocação é muito superior ao esforço dispendido na sua propaganda. Parece que apenas dois irmãos se dedicam exclusivamente à sua propaganda: a nossa Irmã Idalina Ferreira e o nosso Irmão José de Sá. Também outros Irmãos no continente e nas ilhas, de forma ocasional, têm feito um esforço para a sua propaganda e daqui lhes endereçamos os nossos agradecimentos.

Algumas pessoas, tanto no continente como nas ilhas, nos têm elogiado a Revista, naturalmente por delicadeza. Mas êsses elogios contribuirão para nos encorajar a novos zêlos. E sempre que os nossos prezados colaboradores na sua propaganda vejam qualquer melhoria a introduzir queiram comunicá-la pois de bom grado serão atendidos.

No primeiro número de 1943 mais dois colaboradores de valor aparecerem. No segundo número aparecerá mais outro colaborador, médico de Lisboa, que acaba de nos prometer gentilmente uma série de artigos.

Como o nosso fim é propagar a Mensagem de hi-

giene que tem por fim aliviar as doenças do corpo e da alma, como não se trata de uma empresa comercial e muito felizes nos daremos saindo as nossas despesas, creio que Deus nos vai proporcionar um êxito.

De Cabo-Verde

Temos o prazer de ver no nosso meio três jovens cabo-verdeanos da Congregação de Nossa Senhora do Monte: Burgo, Baptista e Henissy. Há dias o correio trouxe o relatório do M. V. da Brava onde se lê aumento muito animador em todos os parágrafos como se poderá observar noutro lugar. Não levará muito tempo que o número de nossos membros ultrapasse a casa dos 100.

A estas horas, se as instruções da Direcção puderam ser executadas, já o Ir.^o Gregório Rosa estará fixado na Ribeira do Ilhéu, ilha do Fogo; esperamos da sua parte um bom esforço em todos os sentidos. Ir.^o Gregório gosta da Juventude e acreditamos que êle vai animar a velhos e a novos no caminho de Jesus.

Da Vila de Niza, Alentejo

Recebemos do nosso Ir.^o Pires as seguintes palavras:

«As nossas reuniões têm sempre uma assistência superior a 200 pessoas não contando as crianças. Vemo-nos embaraçados pela falta de bancos pois são mais as pessoas de pé do que as que estão assentadas. Temos presentemente uma sociedade dos Jovens com mais de 40 membros. Rapazes e meninas tomam alegremente os lugares que lhes são destinados e cantam com entusiasmo belos hinos ao Senhor. Bastantes destes jovens vieram da juventude católica tomar assento entre os M. V. adventistas. Temos organizada uma classe baptismal da qual fazem parte seis corajosos jovens, três rapazes e três meninas que estão no firme propósito de ingressar na colportagem com o fim de permanecer fiéis ao Senhor, guardando o Seu santo Sábado, o que é muito difícil em Niza. Por tudo isto damos sem cessar graças a Deus pois é Êle e não nós quem está fazendo todo este trabalho para a salvação das almas».

Não é verdade que todos os nossos leitores sentem alegria nestas palavras?

Noutra carta dizia-nos:

«As reuniões da Juventude vêm assistir para cima de 150 pessoas. E estes rapazes, modestos trabalhadores do campo, na sua maioria, enfrentam a assistência falando-lhes de Deus, quer recitando passos da Bíblia, quer contando lindas e escolhidas histórias. Temos o côro, por enquanto a uma só voz; nos ensaios não posso exigir nem mais pontualidade nem mais desejo de aprender. Em todos os cultos o côro canta e a assistência que, graças a Deus, é numerosíssima, ouve-os com agrado... A Juventude acompanha-nos nas nossas reuniões a Vela-da, tendo que andar a pé o mínimo de 16 quilómetros. Chegados ali auxiliam-nos cantando hinos, contando histórias e dizendo textos bíblicos. Isto aos domingos, após uma semana de

trabalho activo de sol a sol, e de 18, 20 e mais quilómetros diários a pé. Queremos ir fazer reuniões a Arez (16 quilómetros ida e volta) onde já temos uma sala. Todos nos disseram: «Queremos ir convosco e cantar hinos para despertar aquela gente». Há um jovem na nossa sociedade, Anfelido Madeleno Lúcio que todas as semanas anda 14 quilómetros para não faltar às reuniões. Nem uma falta tem desde o primeiro dia... Os jovens Nizenses todos gostam de ler e estudar. Sinto-me bem junto desta juventude que, não sendo muito instruída, é amiga de aprender.»

Certamente Niza é campo de grandes promessas. Que Deus guarde as nossas fiéis forças evangelizadoras em boa saúde e com a mesma coragem expressa nesta carta.

Vila Real de Santo António

O nosso Irmão Eliseu Miranda escreve-nos: «Como já tive ocasião de lhe dizer, aqui temos um bom grupo de Juventude Júnior; estou vindo se consigo pôr em prática os conselhos do Departamento da União no que diz respeito ao funcionamento das classes progressivas. No futuro devo necessitar de algum material para poder organizar tudo e em tais circunstâncias conto com a sua boa vontade de sempre».

Certamente que Vila Real nunca faltará às promessas sorridentes que sempre nos tem feito. O Ir.^o Eliseu terá muitos momentos de satisfação no seu trabalho naquela terra onde muitas dezenas de pessoas conhecem os adventistas.

Setúbal

Até que enfim, Setúbal, onde temos uma boa dúzia de membros, tem uma sala de culto na Rua Estevão de Vasconcelos 49, muito limpa e apropriada. O nosso irmão F. Simões estabeleceu a sua casa naquela grande cidade e está encarregue de fazer a obra de evangelização. As últimas notícias recebidas falam-nos da Juventude ali e da organização de uma sociedade. Temos visto os folhetos anunciadores das conferências e, sejam quais forem os resultados, a verdade é que se está fazendo trabalho activo de propaganda. Onde há sementeira poder-se-á ter a esperança da colheita.



Núcleo de Juventude, em Niza, com os nossos irmãos Pires

Conselho Missionário da União Portuguesa

(Conclusão da pág. 6)

A segunda vinda de Cristo e Sinais Proféticos respeitantes.

O mundo invisível dos céus e dos anjos.

Os problemas da imortalidade.

O ministério da oração etc., etc.

No que respeita aos erros de outras denominações não necessitamos de os apontar demasiado uma vez que frisemos positivamente a verdade.

9.º — Que se aproveitem, planeando com muita antecedência, as épocas religiosas anuais, em que o povo está habituado a assistir a despertamentos religiosos e durante elas façam-se dissertações ou cultos especiais. Entre outras épocas podemos citar :

Páscoa

Natal

Dia de Finados

etc., etc. ;

10.º — Que nas épocas especiais de esforços de evangelização sejam tomadas medidas para dar aos jovens de ambos os sexos, com preparação missionária e seja qual fôr o seu trabalho, parte activa na organização e condução do referido esforço, tanto no público como nos estudos bíblicos entre interessados.

11.º — Que sejam quais forem os planos postos em prática em Lisboa, atendendo a que temos o privilégio de manter ali a maior fôrça evangelística, esperamos que um impulso vigoroso seja dado no início de 1943 na grande evangelização das massas.

12.º — Julgamos que seria motivo de grandes bênçãos para a União que um esforço *simultâneo*, em todos os campos, fôsse iniciado pelos meados de Janeiro de 1943 e que houvesse comunicações da maneira como seguem os trabalhos através da União.

13.º — Necessitamos prestar muita atenção ao trabalho particular entre as pessoas que se mostram atraídas pela reunião pública, segundo o conselho de E. de Prof., Test. Vol. 6 e outros.

14.º — A maneira correcta do obreiro se apresentar tem uma grande influência nas suas palavras.

15.º — Que se aproveite a oportunidade das grandes campanhas da Grande Semana e Missões para uma judiciosa distribuição de *Folhetos*.

16.º — Que haja um intercâmbio entre os trabalhos dos diversos campos directamente ou através do escritório da União.

E a Revista Adventista acolherá com a maior alegria as notícias dos esforços de evangelização, no princípio de 1943, consoante os nossos Evangelistas no-las comunicarem.

Apontem alto e para diante

A caminho dos campos, quando éramos rapaz, ouviamos muito entretidos a conversa de dois camponeses. Um dêles caçador experimentado dava ao outro os conselhos sôbre tiro às perdizes :

«Quando se levantem perdizes devemos sempre fazer fôgo para a frente e para o alto. Para a frente, porque o chumbo demora tempo a chegar ; para o alto porque o chumbo também pesa e para baixo vai êle».

Já lá vão bons anos ! Quantas vezes na vida temos tido oportunidade de ver que todos, mas em especial os novos, precisam de apontar alto e para diante.

E, coisa curiosa, é ainda o conselho espiritual do Espírito de profecia :

«Cada um devia apontar tão alto quanto a união do humano com o divino poder torne possível alcançar. Muitos nunca chegam a ser o que podiam porque não põem em acção os poderes que neles existem. Eles não se baseiam, como poderiam, na fôrça divina...»

Educação, pág. 262-268.

SUMÁRIO

<i>Primeiro ouvir depois falar.....</i>	1
<i>Conselho Missionário da União Portuguesa</i>	2
<i>Movimento Adventista em Portugal.....</i>	7
<i>Impressões de uma viagem às missões</i>	8
<i>Notícias do campo.....</i>	13

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

Publicação bi-mestral

Director : *A. Dias Gomes*

Redactor : *Ernesto Ferreira*

Administrador : *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte

Número avulso..... 1\$00

Assinatura anual 5\$00

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.ª
Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA

A

Bíblia in-
glêsa contém

3.566.480 letras, 810.697

palavras, 31.175 versículos, 1.189

capítulos e 66 livros. O capítulo mais

comprido é o Salmo 119. O capítulo mais curto

é o Salmo 117. O versículo que está no meio da

Bíblia é o 8.º do Salmo 118. O nome mais comprido

está no 8.º capítulo de Isaías. A conjunção «e» encon-

tra-se 46.627 vezes. O capítulo 37 de Isaías e o capítulo

19 de 2 Reis são iguais. O versículo mais longo é o 9.º de

Ester 8. O mais curto é o 35.º do capítulo 11 de S. João.

O 21.º versículo do capítulo 7 de Esdras é o único em tôda

a Bíblia que contém tôdas as letras do alfabeto original

menos uma. A palavra Senhor ou o seu equivalente Jeová

ocorre 7.698 vezes no Velho Testamento, para maior

exactidão diremos que a palavra Senhor ocorre

1.853 vezes e a palavra Jeová 5.845 vezes.

A palavra Deus não aparece no livro

de Ester mas HÁ SA-

BEDORIA,

CONHECI-

MENTO,

SANTIDADE

E AMOR EM

CADA CAPÍTULO DE

TUDO O LIVRO E ESTUDÁ-

-LO COM DEVOÇÃO É O DEVER

MÁXIMO E O GRANDE PRIVILÉGIO DE

TUDO O CRISTÃO NO MUNDO